

# Recuperação provocaria lesões

**São Paulo** — O superintendente do Hospital das Clínicas, Guilherme Rodrigues da Silva, avaliou ontem, às 19h, o quadro do Presidente Tancredo Neves: “Mais estável em níveis compatíveis com a vida” — uma mudança em comparação com a grave crise ocorrida na véspera, quando o próprio médico admitiu que nada mais poderia ser feito e que o paciente resistiria apenas mais algumas horas.

O Dr. Guilherme Rodrigues disse que “a situação persiste como sendo muito grave e a tendência real não é de um quadro bom. Em caso de recuperação, podem ocorrer lesões”. Essas sequelas, no entanto, só poderão ser avaliadas através da realização de biópsias dos órgãos vitais, totalmente descartadas no atual quadro do Presidente.

O superintendente revelou que, na quinta-feira, diante da gravidade da saúde do Presidente, “na sua mais séria e difícil crise”, o chefe da equipe médica que o assiste, Dr. Walter Henrique Pinotti, “pela primeira vez ficou pessimista”.

Na última crise do Presidente, para se contornarem os graves comprometimentos de oxigenação, no momento mais crítico, as providências salvadoras foram tomadas pelos especialistas em situações difíceis de pacientes em UTI, no caso os médicos intensivistas. Esses profissionais são integrantes das equipes pós-operatórias, respiratórias e de recuperação.

Os intensivistas estão acostumados a essas situações e as medidas tomadas por eles são consideradas rotineiras. São decisões rápidas, para os casos, por exemplo, de arritmias.

Apesar da “discreta melhora das funções pulmonares e da razoável limpeza das radiografias”, segundo o superintendente, não houve regressão total do edema intersticial:

“As lesões pulmonares continuam — afirmou. Com relação aos índices de PO<sub>2</sub> (quantidade de oxigênio processada), o Dr. Guilherme Rodrigues não acredita que eles realmente tenham chegado a 30 na quinta-feira: “Deve ter havido engano no exame laboratorial, pois esse índice seria incompatível com a sobrevida”.

Na crise de quinta-feira, “realmente não havia mais nada a fazer, a não ser manter a oxigenação e esperar. Era o único procedimento, naquele momento, a ser adotado no caso do Presidente” — afirmou o médico.

A não localização dos focos infecciosos existentes no organismo do Presidente não significa que eles desapareceram. “As bactérias existem e a nossa esperança é que elas sejam combatidas pelo próprio organismo, através de suas defesas”, revelou o Dr. Guilherme Rodrigues.